

Docentes:

João Pedro Costa (coord., A), Madalena Bailey (A), Ana Marta Feliciano (B), Pedro Bento (C), Sérgio Proença (D), Lucinda Correia (D), Marta Pavão (E), Carlos Ferreira (F), Barbara Massapina (G), Margarida Louro (H), José Afonso (I), Francisco Cardoso (J)

PROGRAMA DA UNIDADE CURRICULAR

PROJETO IV

OBJECTIVOS

A unidade curricular de Projeto IV tem como objetivo aprofundar o “*entendimento da cultura urbano-arquitetónica e da praxis, mediante o desenvolvimento das capacidades cognitivas analíticas de ver, esquematizar e representar lugares e paradigmas, através do desenho à vista, do desenho técnico e da elaboração de modelos tridimensionais*”. Para o efeito, desenvolve as “*capacidades conceptuais de imaginar e projetar através de esboços, do desenho técnico e de maquetes a distintas escalas, com a transposição consciente dos conceitos teóricos*”.

Visa assim o desenvolvimento de capacidades de reflexão arquitetónica crítica e projetual com vista a:

- Explorar a expressão da matéria na construção de uma ideia espacial de vivencial individual.
- Compor uma ideia de arquitetura a partir de uma investigação sobre casos de estudo formativos de uma cultura arquitetónica e da síntese entre sítio, elementos de composição, matéria e as necessidades humanas do viver essencial comunitário.
- Desenvolver um projeto de arquitetura consequente com as possibilidades expressivas, espaciais e tectónicas da matéria – o tijolo e o betão.
- Explorar a relação do objeto arquitetónico com a paisagem natural e o enquadramento urbano envolventes, bem como as relações de transição entre interior e exterior e entre os espaços criados.
- Alargar o domínio do processo de projeto, o pensamento espacial e as capacidades de representação das ideias de arquitetura a objetos um pouco mais complexos.
- Introduzir de forma controlada e em fase avançada as técnicas de representação do projeto de arquitetura e urbanismo de expressão indireta (meio digital), assegurando uma continuidade com a experiência direta manual prévia, de modo a assegurar o controle espacial, dimensional e expressivo do desenho técnico e da maquete.

No final do semestre, o aluno deve ser capaz de demonstrar ter explorado criativamente as dimensões programática, espacial, composicional, material e construída, numa relação coerente entre o todo e as partes, utilizando a correta representação técnica e adaptando o modo de expressão aos vários elementos de apresentação do projeto.

PROGRAMA / Conteúdos Programáticos

Os objetivos elencados são prosseguidos através do projeto de um retiro de meditação, composto a partir de um sistema de celas individuais e espaços de vida comunitária, situados em contexto de encontro entre a natureza e a cidade. O programa é desenvolvido numa sequência de 5 fases de um exercício prático, com enfoques pedagógicos concretos, apoiados num programa de aulas teóricas de enquadramento.

Tema: matéria, a cela e o pátio [um espaço de meditação e contemplação]

O tema da unidade curricular de Projeto IV é o desenvolvimento de uma unidade vital vivencial (a cela, um espaço individual de meditação e contemplação) e a sua utilização na composição de um objeto arquitetónico, mediante a repetição modular e articulação com um sistema de espaços comunitários, definidos por um léxico tipológico-arquitetónico estruturado (o pátio).

Aprofundando o tema do 2º ano, a matéria (tijolo e betão) é motivo para a exploração constitutiva da arquitetura, determinando ambientes, temperaturas, ritmos e uma linguagem. Neste semestre, o recurso à matéria serve, em simultâneo, para introduzir a dimensão construtiva e dimensional.

"Design demands that one understands the order. When you're designing in brick you must ask brick what it wants, or what it can do.

And if you ask brick what it wants it'll say «well I'd like an arch».

And then you'll say «but arches are difficult to make, they cost more money, I think you could use concrete across your opening equally as well»

But the brick says «oh I know, I know you're right, but, you know, if you ask me what I'd like, I'd like an arch»

And one says «well, why be so stubborn?»

And the arch says «may I just make a little remark, do you realise you're talking about a beam, and a beam of brick is an arch.»

That's knowing the order. It's knowing its nature. It's knowing what it can do. And respect that tremendously. If you're dealing with brick, don't just use it as another kind of secondary availability, or that it is cheaper. No! You've got to put it into absolute glory, and that is the only position that it deserves."

Louis Kahn (Transcribed from the 2003 documentary 'My Architect: A Son's Journey by Nathaniel Kahn'. Master class at Penn, 1971)

O exercício parte da reflexão sobre o espaço vivencial individual e em comunidade como modo de estar temporário, associado ao retiro, interiorização e meditação em momentos de escape às rotinas da sociedade contemporânea. Considera ainda a sua capacidade de repetição, horizontal e vertical, geradora de um edifício compacto.

Uma das explicações mitológicas fundacionais da arquitetura, que remonta até Vitruvius, assenta no estabelecimento de dois modelos ancestrais de abrigo – a caverna e a cabana – que estariam na origem de dois tipos de conceção espacial decorrentes de tecnologias construtivas complementares: uma estereotómica e outra tectónica. Esta classificação bipolar com base nas características da tecnologia construtiva remete também para dois elementos ou matérias naturais: a pedra e a madeira.

Ao escrever *"In the Nature of Materials: A Philosophy"*, Frank Lloyd Wright defende uma utilização dos materiais de acordo com a sua natureza, uma verdade construtiva que conduz a um "ornamento integral" (por oposição a um superficial), em que as características do material revelariam os princípios da sua composição e por consequência seriam geradores de espaços, ritmos, proporções e mesmo significados próprios.

Partindo deste princípio, o exercício toma o tijolo e o betão como matéria de base com potencial próprio para ser explorado numa composição arquitetónica baseada num ornamento integral ou padrão-natural definido pela estrutura, superfícies e ligações.

A exploração da unidade espacial individual, temporária, recorre à figura da cela:

*"I believe in living in one room. One empty room with just a bed, a tray, and a suitcase. You can do everything either from your bed or in your bed – eat, sleep, think, get exercise, smoke – and you would have a bathroom and a telephone right next to the bed."*¹

Andy Warhol (1975: -)

O espaço vivencial mínimo, como princípio espiritual (introspetivo, moral, filosófico ou religioso) ou necessidade (económica, funcional), é uma ideia que atravessa o tempo e emerge de modo transversal em diferentes contextos históricos e geográficos, suportada tanto por reflexões teóricas como por realizações edificadas.

Quando associado ao estar temporário e ao retiro, interiorização e meditação, como refere Pier Vittorio Aureli em *"Less is Enough"*, não se trata de justificar uma vida sem condições, mas a possibilidade de imaginar uma vida com o essencial, de modo a permitir uma maior liberdade individual. Esta possibilidade de liberdade individual pode ser imaginada através da idealização de um espaço vivencial individual mínimo que responda às necessidades humanas essenciais do repouso, reflexão e ablução. Uma cela, remetendo-nos para a ideia de espaço individual monástico, modelar, modular e repetível, mas apropriável e individualizável nos padrões contemporâneos.

A composição do objeto arquitetónico recorre à metáfora do organismo:

¹ WARHOL, Andy (1975) *The Philosophy of Andy Warhol (From A to B & back again)*, New York: Harcourt Brace Jovanovich.

"What we're looking for is a zone that falls between two excessive forms:

- an excessively negative form: solitude, eremitism.*
- an excessively assimilative form: the (secular or nonsecular) coenobium.*
- a median, utopian, Edenic, idyllic form: idiorrhythmy."*²

Roland Barthes (2013: 9)

A vida em comunidade é parte da condição humana, comportando regras e formas de controle. Propõe-se que a agregação de celas individuais seja acompanhada por espaços comunais, que permitem satisfazer as necessidades comuns e os momentos de partilha. Na verdade, são estes espaços que polarizam e permitem que o conjunto das celas não se desagregue.

Assim, o estudante é chamado a imaginar a forma que acolhe as diferentes temporalidades comuns do edifício, recorrendo a arquétipos da arquitetura: pátio e tanque (água), chaminé (fogo, verticalidade) e mesa (reunião e refeição).

Contexto: miradouro e espaços adjacente no Bairro do Alvito

O Miradouro do Bairro do Alvito, em Monsanto, e espaço adjacente a norte, apresentam uma localização privilegiada, com exposição a nascente e sul e acesso pela Estrada Estrangeira, a poente. O Miradouro conhece uma ocupação impermeabilizadora do solo e o espaço adjacente a norte uma ocupação de acesso privado com construções precárias e pequenas hortas.

A concretização de um espaço edificado de retiro dará novo sentido a este espaço de localização privilegiada, procurando estabelecer uma relação com o bairro e com a função pública de miradouro qualificado, com vistas sul e nascente, que deve continuar a assegurar – eventualmente associado ao acesso ao edifício.

Constitui ainda elemento de referência do sítio o sistema de caminhos, de atravessamento e de aproximação ao sítio.

Metodologia

O exercício de composição arquitetónica constitui um ato de síntese, apoiado numa reflexão crítica que articula uma resposta de programa, matéria, cultura arquitetónica e lugar. Apoia-se num conjunto de 5 fases sequentes de interpretação e projeto:

Fase 1 – A cela e a matéria, consiste na interpretação de casos de referência exemplares de ambos os temas (1 semana).

Fase 2 – O sítio, consiste na aproximação ao lugar (0,5 semanas).

Fase 3 – A cela, corpo e mente, projeto de unidade vivencial (modular) elaborado a partir de um ensaio tectónico-espacial e de ensaio da sua capacidade de repetição, horizontal e vertical (4,5 semanas).

Fase 4 – Do sítio à cela, organismo e agregação, consiste no ensaio projetual de agregação de um número de celas a indicar e na definição espacial do conjunto do complexo de meditação e contemplação recorrendo aos elementos de composição das partes comuns: pátio/tanque, chaminé/fogo e mesa (5 semanas).

Fase 5 – Da cela ao lugar comunitário, consiste no aprofundamento e síntese do projeto e na produção das peças para entrega final e apresentação em exame (2 semanas).

As condicionantes de cada fase do exercício são descritas nos enunciados, ao longo do processo de projeto. Todavia, obrigam a que cada estudante construa as regras do seu projeto de arquitetura como reflexão e resposta ao desafio colocado: relações contextuais, princípios de composição formal e espacial, e métricas e ritmos decorrentes da própria matéria.

Componente Teórica:

² BARTHES, Roland (2013 [2002]): How to Live Together: Novelistic Simulations of Some Everyday Spaces, trans. Kate Briggs, New York: Columbia University Press. p. 9.

É previsto um pacote de aulas teóricas articuladas com o desenvolvimento dos exercícios práticos. Estas aulas visam enquadrar e discutir temas centrais do semestre, sendo lecionadas no início das semanas de trabalho.

Atividades complementares de ensino:

A unidade curricular estimula o crescimento cultural disciplinar dos estudantes, através da participação regular em exposições e conferências nas instalações da FA/ULisboa ou na cidade de Lisboa. É proposto um esquema de leituras e de estudo de obras de arquitetura. Estas atividades complementares de ensino são registadas no processo de trabalho.

COMPETÊNCIAS A ADQUIRIR PELO DISCENTE

Constituem competências a adquirir ou aprofundar pelo discente:

- Desenvolver capacidades cognitivas, analíticas, interpretativas e extrapolativas, sobre o lugar e o objeto arquitetónico.
- Desenvolver a capacidade criativa, articulando diferentes elementos vivenciais na composição arquitetónica.
- Associar o ato de projeto a um referencial cultural de arquitetura, construindo uma narrativa, investigando uma linguagem arquitetónica e desenvolvendo uma expressão plástica intencional.
- Controlar a transposição de escalas e respetivos conteúdos.
- Articular sistemas de composição com as questões do suporte material, em edifícios de média dimensão.
- Dominar o processo de projeto e as ferramentas de conceção e síntese, ao nível do esboço tridimensional e de exploração de soluções planimétricas, do desenho técnico em fases de trabalho e de apresentação, e do trabalho em maquete.
- Responder às questões da matéria e da construção.
- Dominar elementarmente as ferramentas de representação do projeto de arquitetura e urbanismo em meio digital.

AValiação

A avaliação da unidade curricular segue os termos do Regulamento de Avaliação do Aproveitamento dos Estudantes da FA/ULisboa. A avaliação final pressupõe a existência de uma avaliação contínua, e é determinada em exame, de frequência obrigatória, perante júri nomeado pelo Conselho Pedagógico.

A avaliação contínua é realizada no decurso dos exercícios em função das fases de entrega. O processo de avaliação resulta do acompanhamento crítico e das correções dos trabalhos (individualmente e para o coletivo da turma), e da aferição entre os objetivos de aprendizagem e o resultado alcançado por cada aluno, em cada fase do trabalho (avaliações intermédias), resultando numa classificação prévia ao exame. Esta avaliação pondera o processo e evolução do aluno ao longo dos vários trabalhos individuais e de grupo, as fases de trabalho e o empenho e desempenho do aluno, tendo a seguinte ponderação:

- Fase 1 – 5%
- Fase 2 – 5%
- Fase 3 – 25%
- Fase 4 – 25%
- Fase 5 – 30%
- Participação, assiduidade, desempenho em aula – 10%

Para a avaliação contínua positiva é obrigatória a obtenção de avaliação positiva nas 5 fases de trabalho.

A avaliação final do semestre é realizada pelo júri de exame, constituído por todos os docentes da unidade curricular. As peças desenhadas respeitam *layout* definido para cada exercício, são entregues antecipadamente e

discutidas em prova oral, juntamente com as maquetes, o processo completo de trabalho do semestre e o caderno de bordo.

Critérios de avaliação:

Os critérios de avaliação respondem aos objetivos de aprendizagem da unidade curricular, sendo observados nps elementos de processo de trabalho e finais apresentados nos exercícios práticos:

- C1 - Criatividade e capacidade de conceção e exploração espacial, arquitetónica e urbana.
- C2 - Capacidade de realizar uma síntese cultural no projeto, expressa pela concretização no projeto uma leitura arquitetónica e urbana e pela assunção de uma linguagem arquitetónica e uma expressão plástica referenciados e qualificados.
- C3 - Capacidade de concretização de uma ideia em objeto arquitetónico, assegurando o entendimento das adequações arquitetónicas (estético-formais, organizativas-funcionais e vivenciais, técnico-construtivas, ecológico-ambientais, paisagísticas e urbano-contextuais).
- C4 - Capacidade de exploração da materialidade constitutiva e da construção na definição do espaço e da expressão arquitetónica.
- C5 - Domínio da expressão e de representação arquitetónica através do esquisso, do desenho técnico e de modelos tridimensionais.
- C6 - Qualidade do processo de trabalho e sua adequação à carga horária e calendarização da disciplina.
- C7 - Assiduidade, interesse e participação ativa nas aulas, assumindo um sentido crítico e autocrítico.

Os parâmetros de avaliação específicos de cada exercício constam dos respetivos enunciados.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

ATELIER BOW-WOW: *Graphic Anatomy Atelier Bow-Wow*. Tokyo: TOTO Publishing, 2007.

FRAMPTON, Kenneth, *Estudos sobre Cultura Tectónica. Poéticas de la construcción en la Arquitectura de los siglos XIX y XX*, Madrid: Akal Arquitectura [1995] 1999.

MONTEYS, Xavier: *La Habitación. Más allá de la sala de estar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.

RYKWERT, Joseph, *La casa de Adán en el paraíso*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, [1974] 1998, Colección Arquitectura y Crítica.

WREDE; Stuart: Mario Botta. Nova Iorque, The Museum of Modern Art, 1986. (https://assets.moma.org/documents/moma_catalogue_1775_300296024.pdf)

WRIGHT, Frank Lloyd: *In the Nature of Materials: A Philosophy*. In: Frank Lloyd Wright, *An Autobiography*, New York: Duell, Sloan and Pearce, 1943. pp. 337-349

Bibliografia complementar:

ÁBALOS, Iñaki: *Palacios Comunes Atemporales. Genealogia y anatomía*. Barcelona: puente Editores, 2020.

Arquitectura Popular em Portugal. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.

BARTHES, Roland: *How to Live Together: Novelistic Simulations of Some Everyday Spaces*, trans. Kate Briggs, New York: Columbia University Press, 2013 [2002].

CARERI, Francesco: *Walkscapes, O Caminhar como prática Estética*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

Lisboa, 5 de fevereiro de 2026